

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS. SEGUNDA SÉRIE.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. Segunda série. *Revista de Guimarães*, 35 (4) Out.-Dez. 1925, p. 243-246.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO
DE
S. SIMÃO DE NOVAIS

(SEGUNDA SÉRIE)

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Cont. do n.º anterior, pág. 153)

776

Meu amor é militar,
toca corneta na tropa;
também toca cornetim
quando passa à minha porta...

778

Meu amor, não morras hoje,
morre antes segunda-feira:
que eu quero andar de luto
uma semana inteira!

780

Meu amor, ontem à noite,
pela vida me jurou
que se ia deitar ao rio:
eu atrás dele não vou...

782

Meu amor, quando eu morrer,
na minha campa vai pôr
uma letra em cada canto:
A-M-O-R — Amor.

784

Meu amor, se te prender,
deixa-te dar à prisão:
o anel dêste meu dedo
há-de ser a livração.

777

Meu amor, não morras hoje,
âmanhã também é dia:
não quero que o mundo diga
que morres por minha via.

779

Meu amor, não morras hoje,
que amanhã também é dia:
se morreres amanhã,
vou na tua companhia.

781

Meu amor, por tua via,
ou por tua caridade,
tira-me dêste destêrro,
leva-me para a cidade.

783

Meu amor, se por 'í andas,
bem te podes ir embora,
que me diz meu coração
que te não falo agora.

785

Meu coletinho de linho,
ninguém lhe há-de pôr a mão:
só se fôr minha cunhada,
que é mulher de meu irmão.

786

Meu coração é *reloj'ô*,
meu coração dá *bad'ladas*;
nos dias que te não vejo
trago as horas contadas.

788

Meu pai julga que me tem
fechadinha na varanda;
coitadinho de meu pai,
que bem enganado anda...

790

Minha maçã vermelhinha,
quem a comer, morrerá;
quem falar p'ra o meu amor,
pouca vergonha terá. (2)

792

Minha mãe é minha amiga,
quando coze, dá-me um bôlo;
quando se zanga comigo,
dá-me co'a pá do forno.

794

Minha Mãe, minha Mãezinha!
Não se pode ser mulher...
E' bonita, é desgraçada;
é feia, ninguém na quer!

796

Minha Mãe, quando me ralha,
eu não sei bem porque é:
ralha-me de boamente,
eu fico na boa-fé...

787

Meu pai chora que se mata
por eu chegar ao 'stalão!
Não chore, meu pai, não chore:
os homens para que são? (1)

789

Meu Senhor, não se admire
de eu cantar e ser solteira:
eu canto com alegria
de não topar quem me queira...

791

Minha Mãe, case-me cedo,
que a causa bem a sabeis...
O dado são quinze anos,
eu já tenho dezasseis... (3)

793

Minha Mãe mandou-me à água
e quebrei a cantarinha!
O' minha Mãe, não me bata,
que eu 'inda sou pequeninha...

795

Minha mãe, p'ra me casar,
prometeu-me quanto tinha:
quando foi a dar o dote,
disse-me que nada tinha... (4)

797

Minha mãe tanto me ralha
por eu cantar e dançar...
Minha mãe! nasci p'ra a borga,
na borga hei-de acabar...

(1) Cf. 247.

(2) Cf. 11, 361, 457.

(3) Cf. 153.

(4) Cf. 125, 424.

Variante de 125:

outra torta, sem orelhas.

Variante de 381:

tenho o fole na moega,

Variante de 353:

não ouço cantar de noite,

798

Minha terra não é esta,
que é muito de ladeira :
minha terra é Viatodos
e S. Miguel da Carreira.

800

Morres tu e morro eu,
morreremos nós ambinhos :
inda se há-de poder ver
numa campa dois anjinhos...

802

Não cortes a vide branca
que trepa pela janela :
a 'scada do meu amor
atrepa e desce por ela... (1)

804

Não há machado que corte
a raiz ao *acipreste*.
Não há nome mais bonito
que o nome de Silvestre.

806

Não há por aqui quem venda
meia rasa de centeio,
para dar à cantadeira,
que canta com arreceio.

808

Não me atires com pèdrinhas,
que eu 'stou a lavar a louça ;
atira-me com beijinhos,
de modo que ninguém ouça...

810

Não posso comer sem dar,
nem beber sem dar a ti ;
não posso fazer a cama,
sem dizer : Deita-te aqui...

799

Minha vida ! Minha vida !
Minha vida é como um cesto.
Ando de porta em porta :
Quem compra chicharro fresco !

801

Não canto por bem cantar,
nem por boas falas ter :
canto para espalhar,
para não adormecer.

803

Não há amizade que corte
a raiz ao malvaíscio.
Não há nome que me agrade
como é o de Francisco.

805

Não há machado que corte
a raiz ao alecrim.
Não há nome mais bonito
que o nome de Joaquim.

807

Não me atires com pèdrinhas
ao vivo da minha saia :
¿ julgavas que eu era filha
de algum serrador da Maia ?

809

Não me ponha a mão na cinta,
que o meu amor não quer :
não perde você que é homem,
perco eu que sou mulher...

811

Não quero amor pedreiro,
é muito ruim de lavar ;
antes quero marinheiro,
que se vai lavar ao mar.

(1) Variante :

Não cortes a vide branca,
que eu salto pela janela :
é a 'scada do amor
que sobe e desce por ela.

812

Não quero amor pedreiro,
que atira pedras ao ar ;
quero amor carpinteiro,
que me dá lenha p'ra o lar.

814

Não quero mulher de poupa,
nem de caracóis na testa :
eu não quero ser a árv're
onde o cuco faz a festa...

816

Não são calças, meu amor,
são saias à brasileira ;
são môdinhas e bailares
que andam na brincadeira.

818

Não tenho mêdo de ti,
nem da tua presunção :
só temo a tua língua,
que corta como um serrão...

820

Na quarta-feira te amo,
na quinta te quero bem,
na sexta digo que morro,
sábado digo por quem...

822

Nem no mundo há dois mundos,
nem no Céu há dois Senhores :
não há coração que possa
ser leal a dois amores !

824

No altar de S. João
nasceu uma cerejeira :
quem me dera ter a dita
de lhe colher a primeira.

826

No dia que eu me casar,
ninguém *no* há-de saber :
só o padre e a Igreja
que nos vai *arreceber*...

813

Não quero lenço de sêda,
antes quero de merino.
Não quero amor António,
antes quero Adelino.

815

Não quero que me dê nada,
e se te eu dei, é pedir :
não quero que daqui a pouco
me andes a perseguir.

817

Não te encostes ao loureiro, ^{que}
que é verde, pode quebrar ;
encosta-te ao meu peitinho,
que é firme, sem arrear.

819

Na praia da Galileia
S. João foi pescador :
deixou barca, deixou remos,
seguiu a lei do Senhor !

821

Nas entradas de Viana
tenho uma rapariga ;
se me ela souber amar,
tenho amor p'ra tôda a vida.

823

Ninguém se fie nos homens,
nem no seu doce falar,
que têm açúcar na bôca,
no coração rosaltar...

825

No alto daquela serra
'stá um pinheiro a arder :
eu não o adivinhava,
ninguém mo veio dizer.

827

No domingo vou à missa,
no adro faço parada ;
vejo muitas caras lindas,
só a tua é que me agrada.

(Continua).